

Área em André Carloni é invadida por 1.500 pessoas

16
174

Fotos de Chico Guedes

Uma área localizada atrás do Parque de Exposições de Carapina, próximo ao conjunto André Carloni, foi ocupada desde o dia 16 de abril por 1500 pessoas que estão reclamando o direito de posse do local. Os invasores foram surpreendidos na última terça-feira por dois carros de policiais militares e civis que queimaram dois barracos e destruíram seis, deixando os moradores desabrigados.

Quando a polícia chegou, o local não estava completamente habitado porque os invasores foram chegando aos poucos para limpar e desmatar todo o terreno. Os novos moradores do local dividiram a área em 1500 lotes distribuídos para o mesmo número de pessoas. Cada família capinou o seu pedaço e começou a construir as suas casas.

Segundo os invasores que contam várias histórias, o terreno pertence a Maurício Lampê, proprietário da Vitória Distribuidora Ltda — Produtos Brahma. Logo na entrada do local uma placa demarca a área situando o terreno como futuras instalações de uma fábrica dos produtos Brahma. Para Firmino Rocha, desempregado, que também invadiu o terreno, apenas oito lotes pertencem a Maurício Lampê. Essas terras, segundo Firmino, ficam localizadas ao lado do parque de exposição.



Firmino: planos



Reis: terra

Acusado

Os invasores acusam Maurício Lampê de ter chamado a polícia para evacuar a área. Outra versão dos fatos é que o terreno também pertenceria à Cohab, que com a intervenção federal foi passado para o governo do Estado. "Ele disse que tem 1.000 metros quadrados, mas não acreditamos". Em uma outra opinião, do invasor Benedito Reis, aposentado pelo INPS, a Cohab comprou uma parte e outra que ela não legalizou, da viúva de Elias Tomaz, considerado por Reis como proprietária do local. A viúva não teria passado a documentação para a Cohab.

Reis afirmou que conhece a propriedade há 20 anos, e foi convidado pelo seu vizinho para invadir a área. Ele mora em Carapina, tem 10 filhos, 2 noras e 2 netos que moram todos juntos em um barraco bastante pequeno. Reis disse que ganha salário mínimo, o barraco é dele, mas o



Na última terça-feira, a polícia destruiu seis barracos, desabrigando os invasores

local não é. "Invadi porque quero uma terra só minha".

Outro invasor que também já conhecia o local e trabalhou nele como agricultor é Antônio Menchi. Há 2 meses ele mora em casa alugada e não tem dinheiro para pagar a prestação. Ele recebe por mês Cz\$ 603,00 e paga Cz\$ 600,00 de aluguel. Menchi é aposentado, mora com a mulher e três filhos em Viana. O invasor ainda reclamou que neste mês a sua conta de luz chegou Cz\$ 200,00 e ele não teve dinheiro para pagar.

Documento

Logo que a polícia despejou os invasores do local, eles procuraram a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Vitória, encaminhados pela Secretaria de Bem Estar Social, Sebs. Os invasores afirmam possuir um documento em que o ex-governador Gérson Camata lhes confere o direito de posse do local. Na época, o então governador recebeu os invasores no palácio em 4 reuniões. Já na administração do governador José Moraes, os invasores tentaram ocupar a área e a polícia conseguiu evacuar a região. Esta é a terceira tentativa de invasão.

Igreja

Para Paulo Roberto Rodrigues Amorim, assessor jurídico da Comissão de Justiça e Paz, a entidade foi convidada para participar e não para atuar. Mas ele condenou a atitude da polícia que agiu agressivamente e, o mais importante, sem qualquer ordem judicial. "Só oficial de justiça tem o direito de notificar e dar o prazo de 48 horas para os invasores se retirarem". Amorim

considerou que se a pessoa que se diz dona da área apresentasse um documento provando a propriedade, os invasores deveriam sair.

Mas não foi isso que aconteceu, segundo os invasores. Nesse caso, Amorim salientou que essas 1500 pessoas estão no direito de tentar a posse do terreno. Isso não quer dizer, em hipótese alguma, afirmou Amorim, que a Igreja incentiva a invasão. Para ele, a Igreja apóia a organização para uma alternativa de moradia. Amorim denunciou a atitude arbitrária da polícia, que usou de violência contra os invasores. "Nós condenamos o abuso de autoridade. A polícia só vem à área quando designada pelo oficial de Justiça".

Cadastro

Segundo Firmino Rocha, que faz parte da comissão dos invasores, formada por 15 pessoas, os novos moradores estão querendo construir na área um bairro novo. "Aqui dá para comportar 1500 lotes, creche, posto médico, escola e delegacia. Os invasores estão vindo de todos os lugares. De bairros como Maria Ortiz, Carapina, Morro do Macaco e até da cidade Salvador.

Na atitude de cada um, apenas um pensamento em comum: o direito de ter um pedaço de terra só deles. Na invasão, segundo Firmino, todos são obrigados a receber posseiros de lugares mais diversos, mesmo que não seja do Estado. A Federação de Associações dos Moradores da Serra também está apoiando os invasores. Amanhã, eles voltam a se reunir com a Comissão de Justiça e Paz que, segundo eles, mandará no sábado uma assistente social para cadastrar todos os moradores e terrenos da área invadida.

WJ06965